

Djass – Associação de Afrodescendentes

Noemi Alfieri

Práticas da História, n.º 20 (2025): 231-237

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Djass – Associação de Afrodescendentes

por Noemi Alfieri*

https://djass.pt

associacao.djass@gmail.com

Gostaríamos de começar por pedir-vos que se apresentem e que introduzam brevemente o vosso projecto (objectivos e público-alvo).

A Djass – Associação de Afrodescendentes é uma organização sem fins lucrativos, criada em Lisboa a 25 de Maio de 2016, que tem como missão defender e promover os direitos das pessoas negras e afrodescendentes em Portugal e combater o racismo em todas as suas formas e dimensões, reivindicando políticas e práticas de igualdade.

Os nossos principais objectivos são combater e denunciar todas as formas de racismo, invisibilização e discriminação contra pessoas negras e afrodescendentes em Portugal; promover uma reflexão crítica e abrangente sobre as relações interétnicas em Portugal, de forma a contribuir para a transformação social e para a emancipação e afirmação das pessoas negras e afrodescendentes como membros plenos da sociedade portuguesa; combater a visão eurocêntrica da história,

* Noemi Alfieri (noemialfieri@fcsh.unl.pt). https://orcid.org/0000-0002-0914-273X. CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Av. de Berna 26C, 1069-061, Lisboa, Portugal.

reivindicando o contributo dos povos africanos na construção do conhecimento, da cultura e da história; encorajar e promover a participação de pessoas negras e de ascendência africana nos processos de tomada de decisão política.

A nossa visão como organização sem fins lucrativos pretende promover uma leitura crítica da colonização, despojá-la de preconceitos romantizados, de narrativas mitificadas e estabelecer um pano de fundo discursivo que caracterize a efectiva natureza da opressão portuguesa nos territórios ocupados no continente africano. Contestar a construção e a reprodução da ideologia racista, assim como denunciar os seus guardiões. Queremos desmontar os processos de negação do racismo e das suas práticas que permanecem activos na sociedade portuguesa e, ao fazê-lo, contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, mais igualitária, mais tolerante, mais cooperativa, empática e solidária.

Desde a nossa fundação, em 2016, conduzimos e organizámos diversas actividades e iniciativas alinhadas aos nossos diferentes objectivos. Temos como missão a implementação de projectos sociais e educativos, desenvolvidos com pessoas e comunidades de ascendência africana. Candidatámo-nos e fomos vencedores do Prémio "IVLP Impact Awards", organizado pelo Departamento de Estado Norte-Americano, em 2024, com o projecto Centro Sankofa – Educação, Culturas & Memória. O projecto foi implementado na localidade de Vale da Amoreira (no concelho da Moita) com jovens Africanos e Afrodescendentes residentes na área. Trata-se de um território com grande presença de pessoas de ascendência Africana e Afrodescendentes com ancestralidade dos países africanos que foram ocupados por Portugal, nomeadamente Guiné-Bissau, Angola e Cabo Verde. Trata-se de um bairro maioritariamente constituído por habitações municipais, com alguns equipamentos sociais como bibliotecas e centros culturais.

O projecto Centro Sankofa – Educação, Culturas & Memória está assente na valorização da história e das culturas africanas. Centra-se na importância de conhecer o passado para compreender o presente, e assim potenciar novas aprendizagens e conexões, desafiando estereótipos. Com este projecto procuramos desocultar o contributo dos

povos africanos e por esta via colmatar a ausência, nos currículos e nos materiais escolares adoptados nas escolas portuguesas, de uma visão abrangente e descolonizada dos fenómenos históricos. Ao promovermos o pensamento crítico e a construção de novas narrativas pretendemos contribuir para um mundo mais inclusivo e justo, onde todas as vozes e perspectivas das pessoas de ascendência africana serão valorizadas.

Como objectivo geral pretendemos potenciar uma educação e formação que amplie os currículos escolares oficiais actuais, com ênfase na História de África e narrativas relacionadas às histórias, culturas e memórias de África e da diáspora africana.

Como objectivo específico pretende-se contribuir para um fortalecimento do processo de educação e formação, contribuindo para a diminuição do abandono escolar por parte dos jovens africanos e/ou afrodescendentes, e para a promoção do sucesso escolar com percursos mais longos que contemplem o acesso ao ensino superior.

Foram envolvidos jovens africanos e/ou de origens africanas, mas também jovens com *backgrounds* étnicos e culturais diversos de modo a potenciar a troca de experiências e perspectivas. Uma abordagem inclusiva foi materializada através da criação de um ambiente acolhedor, através de processos de escuta activa onde todas as vozes foram valorizadas e respeitadas, enriquecendo o diálogo e promovendo uma compreensão mais holística da diversidade e da riqueza do continente Africano e das suas diásporas. Estereótipos comuns vigentes sobre o continente africano e as pessoas africanas foram questionados na perspectiva de os superar, visando o desenvolvimento de uma compreensão mais profunda e ampla da diversidade e complexidade do continente africano.

De que forma é que julgam que o vosso projecto contribui para a construção e disseminação de narrativas históricas sobre os povos do continente africano e das suas diásporas?

Sob o lema "Vem conhecer a História de África!", na implementação e dinamização do projecto foi desenvolvido um programa educativo com

cinco sessões presenciais e recursos inovadores, visando disponibilizar aos participantes (jovens e seus educadores) contranarrativas sobre a história de Portugal e das suas interacções com os povos africanos e na diáspora, estimulando discussões e novos pontos de vista. Com recurso a metodologias participativas e colaborativas, procurou-se estimular a curiosidade para diferentes factos históricos, com variados actores e personalidades africanas, incluindo informação sobre a resistência das populações contra a opressão e a violência, assim como os processos de violação de direitos humanos nos territórios ocupados por Portugal.

Paralelamente, destacamos e aprofundamos as formas de representação de pessoas Africanas e Afrodescendentes na sociedade portuguesa, analisando processos sociais como a escravatura e o tráfico de pessoas escravizadas, o colonialismo, as lutas de libertação, dando destaque a figuras históricas (reis, rainhas, impérios, artistas, líderes políticos, heróis e heroínas anónimos) de diferentes países Africanos.

De que forma é que o vosso trabalho desafia ou transforma a forma como o passado africano e diaspórico é representado e lembrado no espaço público, incluindo no meio digital? Qual será a urgência desse trabalho na sociedade contemporânea e quais os seus impactos no tecido social e no sentido da elaboração de uma consciência histórica?

Com o projecto *Centro Sankofa – Educação, Culturas & Memória* pretendemos disponibilizar uma visão abrangente e não etnocêntrica dos fenómenos históricos, tendo em conta a diversidade social e cultural de Portugal e realçar narrativas que reconheçam a diversidade da população portuguesa. Julgamos ser necessário o estímulo para uma discussão alargada, a partir de projectos de educação não formal que contestem a visão hegemónica da história da expansão portuguesa e do colonialismo, que contribua para apoiar os jovens na construção de um pensamento autónomo e crítico, que interpela a narrativa oficial ensinada nas escolas, trabalhando ao mesmo tempo a auto-estima e a pertença identitária. Um pensamento que integre

o sentido da tolerância e a valorização da diversidade, e reconheça os efeitos destes processos nos quotidianos contemporâneos.

O Centro Sankofa beneficia directamente os participantes envolvidos, mas também promove valores fundamentais de diversidade, inclusão, igualdade e respeito mútuo, desconstrução de estereótipos, empoderamento da comunidade afrodescendente, promoção da igualdade e justiça social e investimento no potencial humano.

O projecto tem uma extrema importância e urgência, uma vez que pretende também combater os processos de exclusão e estigmatização dos bairros e espaços periféricos da Área Metropolitana de Lisboa, que ocorrem em simultâneo com uma desigualdade de oportunidades que afecta desproporcionalmente negros/as, africanos/as e afrodescendentes desde a infância.

E a escola pública é uma das muitas instituições onde se reproduzem as injustiças de uma sociedade assente na desigualdade estrutural, veiculada pelo racismo, xenofobia e discriminação.

Na educação pública em Portugal, nos primeiros anos do ensino básico, a taxa de reprovação das crianças nascidas nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) é mais de três vezes superior à dos portugueses (16% vs 5% em 2013/2014). No ensino secundário, a esmagadora maioria dos alunos dos PALOP frequenta cursos profissionais (80% vs. 43% de estudantes portugueses em 2013/2014), destino menos prestigiado do que os cursos científico-humanísticos direccionados para o ingresso no ensino superior. Assim, a forte sub-representação dos afrodescendentes no ensino superior (16% vs. 34% dos portugueses, em 2011) não é um acaso da educação pública em Portugal. Pelo contrário, o sistema educativo está organizado para ser desigual, ao filtrar e seleccionar aqueles que vão conseguir ir além da escolaridade obrigatória. Relativamente ao abandono escolar, no ano de 2020 há registo de taxas superiores a 60% de alunos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)[1] que desistiram dos estudos e obtêm piores resultados.

1 Conselho Nacional de Educação, *Pareceres e Recomendações 2020* (Lisboa: CNE, 2020), 76. Disponível em https://www.cnedu.pt/content/edicoes/pareceres_e_recomendacoes/Pareceres_e_Recomendacoes-2020.pdf.

As dificuldades e os desafios enfrentados pelos jovens no seu dia-a--dia, assim como a riqueza das suas expressões culturais, são ignorados ou pouco aproveitados enquanto material didático. Temas relacionados com os problemas concretos dos alunos, como pobreza, racismo ou história da África, raramente são abordadas em sala de aula. Fechada em si mesma, a escola tem dificuldade em abrir-se às experiências juvenis desenvolvidas fora dos seus muros.

Esta realidade faz com que parte significativa do percurso escolar dos jovens que habitam territórios desfavorecidos seja marcada pelo insucesso, em consequência de uma sucessão de experiências negativas, agravadas pelos obstáculos colocados pela discriminação que resulta do racismo e da xenofobia.

A invisibilização das referências culturais dos países de origem dos seus pais reduz o sentido de pertença dos jovens e diminui a identificação com o conteúdo educacional transmitido pelas instituições de ensino. Para muitos a escola tem um ambiente racista, cujo programa pedagógico não amplia a sua condição de ser humano com uma história própria e anseios específicos. Pelo contrário, os seus antepassados são reduzidos à condição de pessoas escravizadas e colonizadas, subalternas sem subjectividade nem agência.

O impacto que o Centro Sankofa poderá gerar nos jovens, após a participação nas actividades do projecto, será traduzido na capacidade de reflectir criticamente sobre a realidade social que está colocada, compreender que as desigualdades e as barreiras que enfrentam são socialmente construídas resultando de um sistema estruturalmente supremacista e racista. Saberão identificar, combater e superar os obstáculos colocados ao seu sucesso e progressão escolar, prosseguindo a sua educação até ao nível superior. A diminuição das taxas de abandono escolar, e maiores oportunidades de sucesso escolar, terá um impacto significativo no desenho dos seus projectos de educação e formação, assim como nas suas vidas.

Pretendemos que sintam orgulho das suas origens Africanas e por essa via melhorem a sua auto-estima. Desta forma, o impacto gerado

será duradouro para os beneficiários directos, as suas famílias e comunidades onde estão inseridos.

Como imaginam a evolução do vosso projecto nos próximos anos? Que impacto gostariam que tivesse na sociedade?

A Djass – Associação de Afrodescendentes irá continuar a implementar o projecto, com fundos próprios, porque este projecto enquadra-se nos seus objectivos, mais concretamente numa intervenção de desenvolvimento comunitário a nível educativo.

Através de uma pressão política da sociedade civil, poderemos advogar por uma política educativa diferente, que irá sustentar os impactos positivos decorrentes do projecto.

De igual modo, irá continuar a colaborar com os parceiros envolvidos no projecto e outros que se irão juntar.

Os *outputs* desenvolvidos, nomeadamente o *ebook* com o programa educativo e o *flyer* com boas práticas, irão ser disseminados por outras organizações e associações locais, de forma que conheçam o projecto e queiram implementá-lo, para que o impacto gerado possa ser multiplicado. Esta documentação vai ajudar outros actores comunitários a replicar e a escalar o impacto do projecto em diferentes contextos e territórios.

Para concluir: querem sugerir um livro, um filme, uma música?

Ismael Lo – *Africa*: https://www.youtube.com/watch?v=wOfm9WRFRxA.

Referência para citação:
Alfieri, Noemi. "Djass – Associação de Afrodescendentes". *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 20 (2025): 231-237. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n20.41971.